

comunicações e informes





## Imagens e o olhar das Ciências Sociais: a trajetória do GRAVI – Grupo de Antropologia Visual/USP

*Edgar Teodoro da Cunha*

*Bacharel em Ciências Sociais/USP, mestrando em Antropologia Social/USP, pesquisador do Grupo de Antropologia Visual, bolsista FAPESP*

Formalmente, o GRAVI foi criado em 1995, por iniciativa de Sylvia Caiuby Novaes, docente do Departamento de Antropologia/USP e recém chegada de um pós-doutorado na Universidade de Manchester em Antropologia Visual, com bolsa da FAPESP, e por Luciana Bittencourt, na época fazendo parte do mesmo departamento através de uma bolsa de recém-doutor pelo CNPq. Congregava um grupo inicial, que se modificou com o passar do tempo, através da entrada de novos membros – como recentemente de Paulo Menezes, professor do Departamento de Sociologia/USP, como pesquisador associado –, e a saída de outros.

No entanto, podemos dizer que as primeiras sementes do GRAVI foram lançadas em 1993, quando começaram a ser oferecidos os primeiros cursos de Antropologia Visual para os alunos de graduação em Ciências Sociais, e a partir de 1995, também para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP.

Desde o princípio esses cursos despertaram grande interesse e motivação para o trabalho com imagens no âmbito das Ciências Sociais e, com o passar do tempo, foram aglutinando alunos das mais variadas procedências e formações, compondo um grupo que incluía alunos de graduação, mestrado e doutorado, além de docentes e pesquisadores.

O perfil dos participantes é basicamente de formação na área de Humanidades, como Ciências Sociais, História e Letras, e em especial em Antropologia, mas também em alguns casos com uma dupla formação compreendendo as áreas de Fotografia, Cinema e Jornalismo.

Essa heterogeneidade inicial, com pessoas de formação em diversas áreas, assim como em diferentes etapas da carreira universitária, antes de tornar-se um problema, tornou-se fator dinamizador e de riqueza na troca de experiências entre os participantes do grupo, pois embora a preocupação básica fosse o uso da imagem na Antropologia, tivemos que partir de pontos de vista exteriores à disciplina como recurso para construção de um instrumental teórico-analítico propriamente antropológico.

Dessa forma, embora o grupo tivesse em comum o interesse pela imagem e ao mesmo tempo uma formação no campo das humanidades, por outro lado teve a necessidade de superar o pouco contato com imagens enquanto possibilidade de pesquisa, no âmbito acadêmico.

Esse foi o tom das atividades empreendidas pelo grupo em sua primeira fase de funcionamento, em qual através de reuniões semanais foram avaliados diversos temas envolvendo as especificidades relativas aos usos e possibilidades heurísticas da imagem, por meio de leituras e discussões sobre a questão das imagens enquanto suporte de representações (Geertz, 1978 e 1983; Aumont, 1995; Lebel, 1989; Nichols, 1981) sobre as diferentes possibilidades de análise fílmica (Vanoye e Goliot-Lété, 1994) além de procurarmos construir um *background* fílmico, através do estudo das principais escolas cinematográficas a partir de uma bibliografia específica. Nesse processo pudemos ver e analisar criticamente alguns filmes do cinema soviético (Eisenstein, Vertov) e do expressionismo alemão (Lang, Murnau), assim como, alguns vídeos que tinham como temática a imagem e sua captura (*Photo Wallahs, Cannibal tours, O fio da memória*).

Em 1996, as atividades tomaram um novo rumo, compreendendo uma sistemática de trabalho que envolvia discussão dos projetos individuais, sob a forma de seminários, e sua discussão coletiva pelo grupo aliada às atividades de discussão de textos. Essa dinâmica possibilitou a criação de um ambiente intelectual favorável para a troca e o crescimento do grupo, através da socialização de dúvidas, troca de sugestões e conseqüente ampliação do debate.

Se no início tivemos como referência os estudos das áreas de cinema, semiótica e crítica de arte, aos poucos fomos melhor delimitando um instrumental próprio à nossa disciplina, através de leituras de textos que auxiliassem na análise de imagens (Lévi-Strauss, 1979; Hockings, 1995; Geertz, 1983; Jameson, 1995), e na aproximação entre Arte e Antropologia (Francastel, 1987; Coote e Shelton, 1992; Layton, 1983).

Além dos seminários internos, o GRAVI procurou promover, sempre que possível, o intercâmbio com pesquisadores de outras áreas afins, através de convites para exposições de temas no grupo. Assim recebemos a visita de Marília Franco (ECA/USP), Carmen Opirari (EHESS/Marseilhe), Sylvie Timbert (EHESS/Marseilhe), Massimo Canevacci (Universita La Sapienza/Roma), Alessandra Schmitt (Antropologia/UFSC), Willi Bolle (Letras/USP), Luís Nazário (História/USP), Sylvain Maresca (PARIS VIII), Paulo Menezes (Sociologia/USP), Peter Gow (University of Manchester).

Os temas e problemas expostos pelos convidados, foram, em grande parte, relativos as suas pesquisas, abordando desde assuntos afins aos trabalhos realizados no grupo, como o holocausto/nazismo e violência no cinema, até questões teórico-metodológicas, como aquelas ligadas a Etnoestética (descrição e entendimento de sistemas visuais em contextos culturais específicos). Tivemos também a

discussão, através da Sociologia, da auto-representação de determinados grupos (no caso, camponeses) através de suportes como a fotografia, e questionamentos sobre os limites e especificidades da análise de imagens, especialmente do cinema, no interior das Ciências Sociais.

Ainda naquele ano, empreendemos atividades que visassem a capacitação do grupo na produção de imagens, o que foi possível através do curso oferecido pela UNIVÍDEO, vinculada ao CECAE/USP, que ministrou um curso intensivo envolvendo desde o processo de captação até a edição de imagens em vídeo. Tivemos também as oficinas de fotografia (revelação e ampliação P&B) oferecidas pelo Laboratório de Imagem e Som em Antropologia/USP (LISA), por Inês de Castro, fotógrafa e pesquisadora do GRAVI.

Outro evento importante para o GRAVI foi a itinerância da 3ª *Mostra Internacional do Filme Etnográfico*<sup>1</sup>, realizada entre 26 e 30 de agosto de 1996 e promovida pelo LISA e o CINUSP, permitindo ao grupo o contato com uma ampla produção de filmes etnográficos como também com pesquisadores, cineastas e realizadores, inclusive estrangeiros, dentre os quais destacamos Jean Rouch, cineasta e antropólogo francês, cuja obra teve destaque na Mostra.

Ainda durante a Mostra tivemos a oportunidade de desenvolver nosso primeiro projeto em vídeo, que tematiza a relação entre o filme etnográfico e a Antropologia, através da obra de Jean Rouch, cuja entrevista, associada a outras imagens captadas durante o evento, como uma entrevista com Eliane de Latour e as discussões das mesas redondas realizadas durante a Mostra, possibilitaram a compilação de um material bruto em vídeo, que foi roteirizado e, em momento oportuno, deverá ser editado.

Associada a esse evento tivemos a *Mostra Brasileira de Filmes e Vídeos: diálogo entre antropólogos e realizadores*, que durou praticamente todo o mês de setembro e que ofereceu uma ampla visão da produção de filmes e vídeos documentários etnográficos.

Todo esse processo levou-nos ao fim de 1996 a empreender outra importante atividade que concretizou-se no Seminário *Um Olhar Antropológico sobre o Cinema: Seminários de Antropologia Visual*, realizado entre 7 e 10 de abril de 1997, que procurou levar para um público maior os resultados das pesquisas em curso, como forma de ampliação do círculo de interlocutores. Foram organizadas mesas de discussão, para as quais convidamos desde pesquisadores das áreas de Antropologia, Sociologia, como de Cinema e Artes.

Durante esse processo, os projetos individuais<sup>2</sup> foram sendo desenvolvidos, podendo ser atualmente agrupados em três linhas de pesquisa: 1) representação em imagens fílmicas e fotográficas, 2) produção de imagens em vídeo, fotografia e CD-ROM, 3) pesquisas que envolvam a catalogação e o desenvolvimento de bancos de dados informatizados.

Na primeira linha temos três projetos que tematizam as imagens sobre os índios. *Índios e Cineastas*<sup>3</sup>, coordenado por Sylvia Caiuby Novaes e com a participação de Luis Humberto Dávila e Daniela Monteiro Arini, trabalha com um conjunto fílmico produzido na década de 40 por documentaristas como Jean Manzon e Primo Carbonari. Paula Morgado desenvolve pesquisa a partir de documentos visuais produzidos por viajantes nos séculos XIX e XX sobre e os Wayana da Guiana Francesa como também imagens produzidas pelo próprio grupo, e Edgar Teodoro da Cunha trabalha com um conjunto de filmes de ficção do Cinema Brasileiro, da década de 70, procurando verificar como se constituiu um imaginário sobre o índio.

Outro tema é o das imagens do contexto urbano, onde Andréa Marques Barbosa, tematiza as representações da vida metropolitana no cinema brasileiro dos anos 80 e 90, Maurício Cândido Taveira, procura desvelar, a partir de filmes da década de 80, o imaginário sobre a cidade de São Paulo e Francirosy Campos Ferreira, busca reconstituir a história familiar e auto-representação a partir de fotografias de crianças produzidas desde a década de 70.

As imagens do corpo são objeto de pesquisa de Melvina Afra Mendes de Araújo, que procura compreender as concepções de corpo entre dois grupos adeptos de práticas de cura com ervas medicinais em Londrina e Mirela Berger que a partir de filmes e capas de vídeo, principalmente do cinema de Hollywood, analisa o imaginário e as representações acerca da deficiência física.

Inês de Castro vem trabalhando com imagens fílmicas e representações de judeus e nazistas e Rose Satiko Gitirana Hikiji, com a representação da violência no cinema de ficção contemporâneo. Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz analisa a construção da auto-representação entre os metalúrgicos do ABC, onde a identidade é problematizada a partir de imagens fílmicas e fotográficas que tematizam o movimento operário. Renato Sztutman avalia as possibilidades da etnografia a partir dos problemas metodológicos e imagéticos enfrentados por cineastas como Rosselini, Jean Rouch e Godard.

A linha de produção de imagens engloba os projetos de Renato Sztutman, que, a partir de etnografia que vem sendo desenvolvida entre os Waiãpi da Guiana Francesa, visa produzir imagens sobre a festa do Caxiri, enquanto via de compreensão do contato, e de Valéria Macedo que tem a proposta de desenvolver um vídeo etnográfico sobre a festa do Divino Espírito Santo em São Luis do Piraitinga – SP. Devemos salientar, no entanto, que todos os trabalhos, em diferentes graus, estão incorporando a produção de imagens como prática de pesquisa, utilizando recursos de vídeo, fotografia e CD-ROM.

A última linha de pesquisa desenvolvida pelo GRAVI é baseada em projetos de catalogação, no sentido de permitir a criação de uma metodologia adequada para classificação e documentação de imagens e a criação de um banco de dados sobre filmes em Antropologia.

O GRAVI é hoje, portanto, um grupo que através do amadurecimento de seus projetos, pôde trilhar um importante caminho pelas questões ligadas à imagem a partir de uma perspectiva antropológica, criando a possibilidade de consolidação de uma área de pesquisa, que embora tenha se iniciado apenas recentemente no Departamento de Antropologia da USP, já é uma importante área de referência para aqueles que têm interesse nas Ciências Sociais aliada às possibilidades da imagem como campo de pesquisa e análise.

Contatos:

GRAVI – Grupo de Antropologia Visual

Rua do Anfiteatro, 181 – Conjunto Colméias, Favo 10-12

Cidade Universitária – São Paulo – SP

CEP 05508-900

Tel: (011) 818-3045 Fax: (011) 818-3140

E-mail: gravi@org.usp.br

## NOTAS

- 1 A Mostra vinha sendo realizada no Rio de Janeiro sob a curadoria de Patrícia Monte-Mór e pôde nesta edição realizar-se em São Paulo sob a coordenação de Paula Morgado, funcionária do LISA e pesquisadora do GRAVI.
- 2 Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz, Edgar Teodoro da Cunha, Renato Sztutman, Rose Satiko Gitirana Hikiji e Valéria Macedo são bolsistas da FAPESP. Melvina Afra Mendes de Araújo e Mirela Berger são bolsistas da CAPES. Todos alunos em nível de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP. Inês de Castro é bolsista de iniciação científica PIBIC/USP/CNPq
- 3 Projeto integrado de pesquisa, financiado pelo CNPq, contando com Luis Humberto Dávila e Daniela Monteiro Arini como bolsistas de iniciação científica.

## BIBLIOGRAFIA

AUMONT, J.

1995 *A imagem*, Campinas, Papirus.

BETTON, G.

1987 *Estética do cinema*, São Paulo, Martins Fontes.

COOTE, J. e SHELTON, A (eds.).

1992 *Anthropology, art and aesthetics*, Clarendon Press.

FRANCASTEL, P.

1987 *Imagem, visão e imaginação*, São Paulo, Martins Fontes.

GEERTZ, C.

1978 *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, Zahar.

1983 "Art as local system", In: *Local Knowledge*, New York, Basic Books.

HOCKINGS, P. (ed.)

1995 *Principles of Visual Anthropology*, New York, Mouton.

JAMESON, F.

1995 *Espaço e imagem*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

LAYTON, R.

1983 *The Anthropology of Art*, 1983.

LEBEL, J.

1989 *Cinema e ideologia*, São Paulo, Mandacaru.

NICHOLS, B.

1981 *Ideology and the image*, Bloomington, Indiana University Press.